



## Vozes e Violão: das Canções Heteronormativas às Implicações na/da Prática Pedagógica De Extensão

**Johnny Chaves de OLIVEIRA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)  
Especialista em Gênero e Sexualidade e Mes-  
trando em Educação do Programa de Pós-  
Graduação em Educação (PUC-RIO)  
Pedagogo e Coordenador Pedagógico no Pro-  
jeto Segundo Tempo – Forças no Esporte  
Local de Atividade: Rua General Gurjão, Nº 4,  
Caju, Rio de Janeiro - CEP 21000-000  
E-mail: jochaleira@hotmail.com  
Telefone: (21) 2117-7459 e (21) 991008465

**Maria Graziela SOUZA**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)  
Assistente Social da Associação Solidária  
Amigos de Betânia – ASAB  
Local de Atividade: Ladeira da Freguesia, Nº  
100, Freguesia, Rio de Janeiro – CEP 22760-  
090  
E-mail: faleconosco@asab.org.br  
Telefone: (21) 2424- 5560 e (21) 964995604

### Resumo

O presente trabalho objetiva esmiuçar as partituras didáticas do curso de extensão “Heteronormatividade, Currículo Oculto e Políticas Sociais” enunciadas por meio de experiências musicais significativas envolvendo gênero e sexualidade, e as suas interseções com o âmbito das políticas educacionais. Uma litania discursiva composta por relações de força, reflexões heteronormativas e múltiplas vozes circunscritas pelas nuances curriculares e atividades pedagógicas de uma extensão universitária de 60 horas, realizada com 19 participantes, no segundo semestre de 2016 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O objetivo é apresentar os desdobramentos das atividades pedagógicas desenvolvidas voltadas para uma promoção da diversidade e respeito aos direitos humanos. Como resultado, temos os desafios das temáticas na formação dos/as profissionais

tanto do Serviço Social quanto da Psicologia e da Pedagogia. Articula-se um diálogo com as interlocuções das autoras Simone de Beauvoir, Judith Butler e Joan Scott e com os autores do campo do currículo como Tomas Tadeu da Silva. Para tanto, o currículo, em diferentes níveis de ensino, é considerado um artefato cultural multifacetado, constituído a partir de uma polifonia de vozes e atores veiculada a uma noção de ambiguidade, forças políticas e diversidade de sentidos. Portanto, ousa-se entoar uma

trilha sonora ensaística e crítica diante da profusão de elementos para a temática do gênero e da sexualidade na atuação profissional, contextualizando as canções e as práticas pedagógicas na formação continuada no ensino superior.

**Palavras-Chave:** Práticas Pedagógicas; Música; Gênero; Sexualidade; Extensão Universitária

## Resumo

O presente trabalho objetiva esmiuçar como partituras didáticas de curso de extensão Heteronormatividade, Currículo Oculto e Políticas Sociais enunciadas por meio de experiências musicais significativas envolvendo gênero y sexualidad, así como sus intersecciones con el objetivo de políticas educativas. Una litania discursiva composta por relaciones de fuerza, reflexiones heteronormativas y múltiples voces circunscritas a nuances curriculares y actividades pedagógicas de una extensión universitaria de 60 horas, realizada con 19 participantes, no el semestre de 2016 en la Universidad del Estado de Río de Janeiro (UERJ) . El objetivo es presentar los desdoblamentos de las actividades pedagógicas desarrolladas para una promoción de la diversidad y el respeto a los derechos humanos. Como resultado, tenemos los desafíos de las temáticas en la formación de / as tanto en el servicio social como en la psicología y la pedagogía. Articula-se un diálogo con las interlocuciones de las autoras Simone de Beauvoir, Judith Butler y Joan Scott y con los autores de hacer el currículo como Tomas Tadeu da Silva. Para tanto, o currículo, en diferentes niveles de enseñanza, es considerado un artefato cultural multifacetado, constituido a partir de una polifonia de voces y actores vehiculada a una noción de ambigüedad, políticas de movimientos y diversidad de sentidos. Por lo tanto, es importante que se trate de una enseñanza sonora y crítica de la profusión de elementos para una temática de género y de la sexualidad en una actuación profesional, contextualizando como canciones y como prácticas pedagógicas en una formación continuada no ensino superior.

**Palavras-chave:** La práctica docente; la música; género; la sexualidad; extensión universitaria; enseñanza superior

## INTRODUÇÃO

A extensão universitária ou acadêmica é um dos pilares do Ensino Superior, conjuntamente com o ensino e a pesquisa. Sendo uma determinada ação da instituição junto à comunidade acadêmica e aberta ao público em geral. Está associada à crença de que o conhecimento gerado pelas instituições deve necessariamente transformar a realidade social. Formalmente reconhecida, surgiu apenas no final do século XIX enquanto função universitária (SOUSA, 2010; COELHO, 2014), no entanto a sua vinculação a periódicos acadêmicos é mais recente. No Brasil, está disposta no artigo 207 da Constituição Federal e, portanto, é uma forma de interação entre a população e a universidade.

O presente artigo se justifica pela oportunidade de contribuir com a divulgação do processo sistêmico inerente às práticas pedagógicas desenvolvidas na extensão universitária que incorporam a multiplicidade de culturas envolvidas nos profusos gradientes de subjetivação profissional. Se a pesquisa acadêmica gera novos conhecimentos e reflexões, as investigações sobre essas atividades de extensão ganham notoriedade prática e devem ser publicizadas assumindo, sobretudo, a transversalidade da própria prática científica na educação.

O curso “Heteronormatividade, Currículo Oculto e Políticas Sociais” construiu, ao longo do seu percurso didático de 60 horas, através das leituras e dinâmicas, questionamentos acerca das bases cartesianas típicas da modernidade a partir da reflexão sobre a lógica da ordem social vigente que se coloca como norma social o binômio masculino-feminino. Para maior compreensão das experiências vividas no curso de extensão, foi feito o levantamento do perfil dos/das 19 participantes, através de um questionário elaborado com o objetivo de conhecer melhor o público interessado pela temática.

As noites já não eram as mesmas para os 19 (dezenove) participantes daquele curso, cercados de blocos de concreto de aparência fria, acinzentada, no 9º andar do prédio do Serviço Social. O mundo era visto pelas janelas do conhecimento da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Entre olhares vivos e pensamentos pós-estruturalistas estavam envolvidos/as, compartilhando diálogos e conhecimentos, considerados relevantes diante dos ganhos e retrocessos da educação brasileira e das tessituras<sup>3</sup> da conjuntura política, econômica e social.

A penumbra típica de uma falta de energia transformou a enunciação da palavra *REIFICAÇÃO* do texto clássico “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”, de Joan Scott. Vale ressaltar que as reuniões fugiam à regra de um curso formal de atualização em um ambiente universitário.

Tais situações faziam daquele espaço mais do que um conjunto de versos em uma poesia lírica, no entanto, eram como notas musicais de uma melodia que se desenhava em uma partitura de saberes, práticas e metodologias. A atividade pedagógica aguçou a crítica aos ditames preconceituosos das linhas que definem essa partitura que é o conceito de gênero no contexto social.

A partir da brilhante experiência do cantar, uma explosão de inquietação fomentou a reflexão sobre a produção acadêmica ou mesmo sobre práticas pedagógicas emancipadoras sublinhadas por canções, dinâmicas, melodias e letras de qualquer estilo musical que trouxesse em seus arranjos sociais menções de gênero, violências e heteronormas que desestabilizassem o currículo oculto e questionassem a heterossexualidade compulsória.

A música é um dos elementos artístico-culturais inerentes à nossa brasilidade. Nos cotidianos das salas de aula, a música, de alguma forma, perpassa a vida dos/das estudantes seja pelo funk, pagode, samba, pelo rap ou qualquer outro gênero musical. Os currículos são inseparáveis da cultura e se constituem sempre pelas relações de negociação imersas num campo polemológico

de tensões, das quais emanam vozes e relações de poder que têm muito a dizer sobre os sussurros e silenciamentos das manifestações culturais dos indivíduos num território político. Tomaz Tadeu da Silva corrobora com essas afirmações ao citar as teorias críticas:

Com as teorias críticas aprendemos que o currículo é, definitivamente, um espaço de poder. O conhecimento corporificado no currículo carrega as marcas indeléveis das relações sociais de poder. O currículo é capitalista. O currículo reproduz- culturalmente- as estruturas sociais. O currículo tem um papel decisivo na reprodução da estrutura de classes da sociedade capitalista. O currículo é um aparelho ideológico do Estado capitalista (SILVA, 2011, p. 145)

Nesse artigo, procuramos, além de dialogar com teorias de gênero e autoras da área, decompor o caminho metodológico em subseções a partir de experiências relevantes do curso. Além disso, selecionamos algumas músicas tanto para as epígrafes como para análise que pudessem dar o tom a esse trabalho de pesquisa, significação e reflexão sobre a própria prática pedagógica implementada quando o assunto é gênero.

O ponto fulcral de nossas análises caminha em direção à busca de respostas de algumas questões: Como a música tem representado e afirmado as relações de gênero e heteronormatividade, inclusive, no cotidiano social? O que as nossas experiências no curso em questão suscitaram e nos forneceram pistas epistemológicas de análise sobre os estudos de gênero dentro e fora do ensino superior?

## NO APAGAR DAS LUZES: A REIFICAÇÃO DO GÊNERO NAS CANÇÕES

*Trabalhamos no escuro- fazemos o que podemos – damos o que temos.  
Nossa dúvida é nossa paixão e nossa paixão é nosso dever  
O resto é loucura da arte! (Harry James)*

Na falta de energia, com a impossibilidade de continuar a leitura, a professora na sua destreza pedagógica, em meio à escuridão da sala, propôs uma dinâmica na qual fossem cantadas músicas que contemplassem as temáticas de gênero e heteronormatividade. Tal atividade nos despertou para o título desse artigo e nos deu o tom às nossas imaginações, aguçando lembranças auditivas em busca de canções que explorassem a temática estudada, presentes explicitamente nas letras ou imersa nos interditos musicais.

Diante de lanternas e luzes improvisadas, o grupo foi da MPB ao funk identificando trechos musicais que dessem conta desse guarda-chuva conceitual que é o gênero. “*Com que roupa eu vou*”, “*A camisinha estourou ... nasceu neném*”, “*Por que eu gosto é de rosas..*”, “*Eu quero presentear minha linda donzela*”, entre outras expressões musicais demonstraram que basta um

exercício investigativo para encontrarmos pistas de que a heterossexualidade é um modelo político que organiza as nossas vidas discursivamente.

Para iluminar este cenário, foi feito um levantamento sobre o grupo, que revelou a faixa etária dos 12 entrevistados que devolveram o questionário. Esta variava de 28 a 45 anos. Outro dado da pesquisa é que a escolaridade dos/as entrevistados/as correspondia a uma maioria com o Ensino Superior completo e/ou também com pelo menos uma pós-graduação *lato senso*, no entanto havia um/uma participante com apenas o Ensino Médio.

Ressalta-se a relevância da variável empregabilidade, pois seis dos entrevistados/as estão fora do mercado de trabalho e seis estão trabalhando, as ocupações são cinco assistentes sociais, um/a estudante, um/a técnico/a de enfermagem, um/a instrutor/a e revisor/a autônoma, um/a técnico/a em telecomunicação, um/a militar e um/a assistente administrativo. No que tange às orientações sexuais, 10 dos/as participantes são heterossexuais, um/a bissexual e um homossexual.

No que tange à localização das suas moradias, seis dos entrevistados/as residem na cidade do Rio de Janeiro e quatro residem na baixada fluminense. Os meios de transporte utilizados para chegar até o local do curso variam entre ônibus, trem e metrô, um(a) participante declarou usar além do transporte público, também o particular. Com relação à participação no curso de extensão, seis dos/as entrevistados declararam já ter participado de outros cursos e seis declararam ser a primeira experiência.

Quando foram perguntados quais os reflexos do curso de extensão nas suas vidas, os/as participantes declaram que *“impactou na vida profissional, dando-os/as maiores conhecimentos, podendo atender o usuário de forma mais ética”*; entre outras falas, também se destaca que o curso *“deu uma visão mais ampla sobre o assunto de gênero, sendo assim a visão heteronormativa é posta na sociedade e arraigada no cotidiano que reproduzimos sem perceber”*; numa outra declaração, o/a entrevistado/a disse que *“aprendeu diversos conceitos que desconhecia, ou tinha dúvidas, mas ironicamente, aprendeu também que o que menos importa quando se fala de gênero são os conceitos”*.

O levantamento apontou uma relativização da normalidade acompanhada de uma crítica sólida dos desdobramentos da heteronormatividade na vida das pessoas. Como podemos ver nesses excertos que outro/a participante declara: *“os impactos foram extremamente positivos, uma vez que o/a possibilitou ter um olhar diferenciado acerca dos acontecimentos e da sociedade em si”*. Tal olhar contribui para uma perspectiva mais crítica de tudo o que é imposto, favorecendo uma crítica ao que é definido como “normal”, “legítimo”. Outros/as relataram, ainda, que *“o conhecimento adquirido através da metodologia sobre Teoria Queer, gênero e sexualidade desfez vestígios do censo comum propagado em alguns espaços sociais que frequentam”*.

Segundo Miskolci (2012), o conceito heteronormatividade, criado em 1991 por Michael Warner, objetiva dar conta da ordem social em que se observa que a heterossexualidade é o modelo supostamente coerente para os relacionamentos humanos exigidos tanto para os heterossexuais

quanto para aqueles que divergem com orientação sexual dissidente desse padrão. A heteronormia impõe uma estrutura social de valores e costumes inquestionáveis para os ditos “normais”, e ao se contrapor ou “caminhar em outras vias” fora destas normas, o indivíduo é visto como aberração.

Colling e Tedeschi (2015) nos relatam que a heterossexualidade compulsória consiste na exigência para que todos os sujeitos sejam heterossexuais, isto é, se apresenta como única forma de vivência de sexualidade. Sendo assim, na sociedade heteronormativa, não ser “homem” ou “mulher” na perspectiva das definições dos papéis sociais concebidos como tais é tangenciar a anormalidade, ou seja, fugir à lei natural. Sobre este assunto, Guacira Lopes Louro (2004) afirma:

Os sujeitos que, por alguma razão ou circunstância, escapam da norma e promovem uma descontinuidade na sequência sexo/gênero/ sexualidade serão tomados como minoria e serão colocados à margem das preocupações de um currículo ou de uma educação que se pretenda para a maioria. Paradoxalmente, esses sujeitos marginalizados continuam necessários, pois servem para circunscrever os contornos daqueles que são normais e que, de fato, se constituem nos sujeitos que importam (LOURO, 2004, p. 27).

Quais leis podem decidir pela pessoa o que ela quer ou deseja ser? Essa indagação nos leva a refletir que há uma força social que nos coloca dentro de uma realidade definida, assim, homens e mulheres são plasmados de experiências ao longo da vida ou fabricados por um conjunto de forças para desempenhar suas inerentes funções sociais.

Neste contexto, a instituição educativa como agência socializadora, não escapa, pois o espaço dialógico da educação, no que se refere à sexualidade, consolidará o ideal democrático atento às demandas contemporâneas de valorização dos Direitos Humanos. Espera-se uma superação dos aspectos anatômicos, fisiológicos, genitais ou mesmo no âmbito das doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), como também de combate às discriminações e violências de qualquer espécie.

Desde o descobrimento do sexo na gestação, já nos é previamente concebido o papel de menino ou menina. Não nos enganemos com a ingenuidade desses detalhes, pois estes cooperam enormemente com a definição dos papéis sexuais de gênero. Esse exercício discursivo, ainda enquanto criança, é materializado no campo da linguagem, plasmando suas identidades ao longo da vida adulta e inserindo em um processo de produção e reprodução social e de legitimação da hegemonia heteronormativa.

Butler considera o gênero como uma experimentação de uma identidade natural designado por um efeito performativo. Ela aprecia o argumento de Michel Foucault de que a “sexualidade é produzida discursivamente” e o amplia para incluir o gênero. Diluindo os conceitos a respeito desta heteronormia, encontramos alguns caminhos que nos levam à reflexão sobre a vida em sociedade.

As experiências do curso de extensão proporcionaram um enriquecimento sobre o conceito de gênero. Assunto dicotômico e cheio de antagonismos, principalmente para os que pensavam o

assunto sob a ótica do “achismo”, sem o olhar crítico fundamentado em autores(as) que nos seus escritos desmitificam ideais e clarificam o campo do saber.

As experiências do curso foram fomentadas pela metodologia inovadora que a docente responsável aplicou nos encontros. Algumas dinâmicas foram usadas na sua metodologia, impactando na realidade existente, sendo assim, as trocas de conhecimento perpassaram as experiências acadêmicas e profissionais, transcendendo o âmbito universitário e envolvendo carinhosamente o âmbito pessoal de alguns/algumas participantes.

Os encontros da extensão assumem caráter relevante no sentido de pensar a educação interligada à pesquisa. Portanto, o papel de narrador(a)-participante converge para a construção de saberes e quebra dos preconceitos cristalizados, além do modo de repensar nossas premissas na própria audição dessas falas. Esse diálogo entre pesquisador-narrador-docente provoca inúmeras análises que não pressupomos dar conta nessas poucas páginas, mas que precisam ser ponderadas, considerando a narrativa como espaço de significação. Algumas experiências vividas no curso foram escolhidas e serão descritas a partir da interseccionalidade musical com os conceitos (heteronorma, sexualidade e gênero).

## A EXPLICAÇÃO SOBRE O COLETOR MENSTRUAL

*Dizem que a mulher é o sexo frágil  
Mas que mentira absurda(...)  
(ERASMO CARLOS– Mulher)*

Como era de costume, havia sempre um sorteio de brindes no final de algumas aulas, livros e revistas eram os principais objetos sorteados, no entanto, nesta aula teve um diferencial, um coletor menstrual passou a ser o tópico de uma conversa amplamente instrutiva. O tal coletor é um copinho de silicone hipoalérgico e antibacteriano, ajustável ao corpo e que coleta o sangue da menstruação.

A menstruação é intrínseca à intimidade da mulher, remete a uma ideia imaculada da sua dignidade, entendida para além do aspecto natural ao próprio funcionamento do seu organismo. Apesar de ser parte do ciclo menstrual, a menstruação é o deslocamento do revestimento do útero, caracterizada pelo sangramento vaginal. Todavia, o fato de menstruar, ou não menstruar, não define a identidade feminina enquanto mulher.

Beauvoir (1970) cita que a mulher não poderia ser considerada apenas um organismo sexuado, (...) a consciência em que a mulher adquire de si mesma não é definida unicamente pela sexualidade. Ela reflete uma situação que depende da estrutura econômica da sociedade, estrutura que traduz o grau de evolução técnica que chegou a humanidade. Ainda sobre a mulher na sua performance, Beauvoir afirma que o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade

vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade. Segundo a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro (BEAUVOIR, 1967, p 9-10).

Falar da intimidade, do corpo da mulher, das experiências advindas dessa relação de autoconhecimento se constitui como parte importante no campo da identidade feminina, já que é constituída por agenciamentos e se consolida como uma forma de policiamento. Tal como exames preventivos habituais que possibilitam o conhecimento do próprio corpo e desmontam a sua lógica enquanto sagrado, conversas descomplicadas como essas ocorridas naturalmente é, antes de tudo, um exercício de subversão do local da mulher enquanto submissa e restrita ao campo privado, o que acaba gerando tabus sexuais e curiosidades.

Em um espaço que se discutiu a heteronorma, trazer à tona um tema tão restrito ao universo da mulher para ser tratado diante da diversidade dos/das participantes é transformador e peculiar. Nesse momento, a presença de homens na sala não foi fator impeditivo para as participantes relatarem suas experiências atinentes ao ciclo menstrual e às inúmeras situações embaraçosas. Essa experiência também foi muito válida para os homens presentes na sala, pois conhecer o organismo feminino, bem como os métodos que envolvem o seu cuidado, permite uma aproximação das demandas e especificidades típicas do organismo da mulher.

## ZAP-ZAP: UM DIÁLOGO COM SCOTT E SIMONE DE BEAUVOIR

*Eu sou homem com H  
E com H sou muito home  
Olhe bem pelo meu nome  
Já tô quase namorando  
Namorando prá casar  
(NEY MATOGORSSO – Homem com H)*

A docente propôs a dinâmica “conversa do whatsapp”, os participantes sugeriram um nome hipotético ao grupo, que foi intitulado de “meu brinquedo é de abrir e o seu é de armar” aludindo a narrativas de aulas anteriores.

Ao se utilizar cartolinas e imagens dos participantes obtidas nas redes sociais e fluindo uma conversa teórica por meio desse recurso, esses diálogos - também com as escritoras - ocorreram de forma espontânea e divertida, como uma conversa das redes sociais, reproduzindo o ambiente tipicamente virtual de um grupo do *whatsapp* e com participação hipotética das escritoras Simone de Beauvoir, Scott e Judith Butler- conforme figura abaixo:

Zap-Zap: Meu brinquedo é de abrir e o seu é de armar



Fonte: Beatriz Silva

Nas falas, foram expostos pensamentos sobre o que é ser mulher e a colocação do poder na linguagem e na construção social do gênero. A intencionalidade desta dinâmica era de articular as falas das autoras Beauvoir e Scott sobre o gênero e introduzir a fala de Butler. Esta autora problematiza o gênero quando se concebe como se fosse somente uma definição do feminino, corpos adequados para a representação social binômio homem e mulher, segundo ela o corpo transcende um desenho de poder. Constata-se uma aproximação teórica entre Scott e Butler quando ambas sugerem a necessidade de extrapolarmos os binarismos e os termos consequentes dessa relação.

## MUDANDO O TOM...

Não é de hoje que as mulheres vêm ocupando espaço na música brasileira, seja na MPB, no samba, no rock e mais contemporaneamente, no sertanejo e no funk. O espaço musical se tornou um lugar de clamor pela igualdade de direitos, ou seja, um território de lutas pela representatividade e independência, além de reverberar denúncias contra práticas que as mulheres sofrem em todas as esferas sociais. Precursoras artísticas da cultura nacional influenciaram e inspiraram nossas compositoras, sendo assim, mulheres como Leila Diniz, Elvira Pagã, Zuzu Angel, Elke Maravilha e Luz Del Fuego viveram em suas épocas desafiando a compostura social que era reservada à mulher.

Além dessas mulheres artistas, histórias cotidianas vividas por mulheres anônimas com as quais muitas das compositoras também se identificam são cantadas em belas canções. Temos, então, em verso, prosa e muito ritmo, cantoras da música brasileira a favor do feminismo, através, por exemplo, do talento incontestável de Eliz Regina, Rita Lee, Cássia Eller, Joyce, Marina Lima,

Zélia Duncan, Adriana Calcanhotto e, recentemente, a cantora Anitta desponta com exemplo de representatividade da mulher contemporânea.

Para além do romantismo explícito nas canções que embalam fantasias apaixonantes, as cantoras soltam o verbo ao se expressarem de forma contundente a liberdade de ser “A mulher” que já não corresponde aos rótulos machistas imperados pela sociedade patriarcal e falocêntrica.

Haja vista que não podemos negar a evidente característica relacional homem/mulher que se compreende no próprio conceito de gênero, Gagnon explica que “não temos um comportamento sexual biologicamente nu, mas uma conduta sexual socialmente vestida”. (GAGNON, 2006, p. 406).

Michel Foucault e suas teorias de poder e das tecnologias de controle consideram a sexualidade como um dispositivo histórico e cultural. Para o filósofo francês, o dispositivo sexual está ligado às formas modernas de regulação social. Considera-se a sexualidade um produto da linguagem, da cultura e da natureza. Sendo assim, a relação da educação com o “ensino” de gênero e sexualidade nos remete a desafios de todas as ordens, níveis de escolaridade e esferas públicas, de modo que se criem condições legais e formativas para sua efetiva aplicabilidade no cotidiano escolar. Rogério Diniz Junqueira coaduna com essas reflexões quando afirma:

Assim, políticas socioeducacionais que deem ênfase à promoção dos direitos sexuais, ao reconhecimento da diversidade sexual e à igualdade de gênero possuem potencial transformador que ultrapassa os limites da escola, lançam bases para uma nova agenda pública e uma nova modalidade de pactuação social e, enfim, contribuem de maneira marcante para a construção de um novo padrão de cidadania (JUNQUEIRA, 2009 p.29).

## **VOZ E VIOLÃO: NA CAPELA OU NO CORAL AS NOTAS ECOARAM**

O encerramento do curso foi mais do que uma orquestra com seus tenores e agudos anunciando saudades. Era um coral de vozes ao som de letras cantaroladas com diversão e espontaneidade. A mistura de sentimentos bons e fotos sorteadas junto aos livros como presentes esbanjavam a alegria indescritível nos rostos de cada participante.

Nesta aula de encerramento do curso, um cantor acompanhado de seu violão regeu as comemorações daquele grupo muito empolgado, cantando músicas previamente selecionadas pela docente e também indicadas pelos participantes através das redes sociais. Canções como “Garotos não resistem ao seu mistério...” do cantor Leoni não estavam na lista, porém vieram à tona durante o evento. Essa musicalidade envolvida no curso pode ser detectada como diferencial no questionário da pesquisa realizado no último dia de aula.

Segundo os dados do questionário quando perguntado a música a qual definiria a experiência vivida no curso de extensão, foram declaradas pelos/as participantes entrevistados/as: ““Brasil”, de Cazuza” e “I Will Survive” – “apesar dos percalços sobrevivi até o final do curso, concluindo-o””;

“Outro sim” de Fernanda de Abreu – “de uma certa forma, a letra tem a ver com o conteúdo, a fluidez cantada me remete as questões de gênero”; “Uma onda” de Lulu Santos, (...)Independente de nossas escolhas, de nossa vontade, a mudança é necessária e inevitável.” Ou ““Valeu a pena”, do Rappa, pois superou minhas expectativas”; “Metamorfose ambulante de Raul Seixas, pois a base do curso é a discussão sobre a heteronormatividade que é a construção da sociedade que vive em constante movimento”.

Fazendo uma conexão com as aulas, as entrevistas revelaram dados interessantes, uma vez que “foram marcadas por maravilhosas surpresas, nunca uma aula foi igual a outra, e isso foi bastante necessário para que alcançássemos o sucesso que foi trabalharmos juntos durante este período. A afirmação de uma entrevistada denota os impactos dos conteúdos do curso: ““Estante”, da Pitty, a letra fala da oportunidade que alguém acredita (...) essa letra me acompanha há muitos anos e acredito que o curso cabe perfeitamente em sua melodia, porque a todos os dias aprendemos a ser resilientes e foi isso que eu vi no curso”. Outro ponto são as reflexões suscitadas, como podemos observar em outra resposta: “Diversidade”, do Lenine, a música fala sobre diversidade cultural, social, o avesso, o outro lado da vida”.

O resultado foi extremamente positivo, pois a seleção das músicas - feita tanto pelos participantes. via fórum na rede social, como pela docente - organizou um repertório musical sugerido ao músico convidado que, de alguma forma, trazia questões ou expressões típicas da heteronorma detectadas na sociedade. Um exemplo interessante desse trabalho realizado nesse encontro foi a música do Cantor Péricles, que aborda a relação homem/mulher na divisão assimétrica de poder, refletindo as hierarquias de gênero quando o assunto é violência doméstica.

Vale analisar os pontos destacados na letra:

Vou de casa pro trabalho

Do trabalho vou pra casa na moral  
Sem zoeira, sem balada, sem marola  
Sem mancada, eu tô legal

Faça sol ou faça chuva  
O que eu faço pra você  
Nunca tá bom  
*Pago as contas, faço as compras*  
*Tudo bem, eu sei*  
*É minha obrigação*

Mas eu tenho  
Reclamações a fazer  
Mas eu tenho  
Que conversar com você  
*A pia tá cheia de louça*

*O banheiro parece que é de botequim  
A roupa toda amarrotada  
E você nem parece que gosta de mim*

*A casa tá desarrumada  
E nem uma vassoura tu passa no chão  
Meus dedos estão se colando  
De tanta gordura que tem no fogão*

*Se eu largar o freio  
Você não vai me ver mais  
Se eu largar o freio  
Vai ver do que sou capaz*

*Se eu largar o freio  
Vai dar mais valor pra mim  
Paracundê, paracundê, paracundê ê ô  
Paracundê, paracundê, paracundê ê a*

Autores: Carlos Caetano/ Claudemir/ Marquinho Índio

Dorival Caymmi (*O que é que eu dou*) e Vinicius de Moraes (*Minha namorada*), por exemplo, já escreveram canções que colocavam a mulher num papel menor, passivo ou submisso. Para pensarmos e questionarmos esse assunto, apropriamo-nos da premissa de Judith Butler que a divisão sexo/gênero funciona como uma espécie de pilar fundacional da política feminista, ou seja, a idéia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído numa contínua prática discursiva estruturada em torno do conceito da heterossexualidade.

## SE FÔSSEMOS CONCLUIR....

O artigo objetivou estimular investigações mais sistemáticas e abrangentes sobre a extensão universitária, além de provocar discussões que mereçam novos enfoques epistemológicos. Se tal é a premissa enunciada, seria minimalista elencar conclusões finais. Fazer considerações sobre um conjunto de experiências é, sobretudo, deixar algo de lado que nos impressionou, ou mesmo dar às praticas do olhar contornos limítrofes diante das aprendizagens polivalentes destacadas. Esse desafio, delineado neste artigo, busca dar conta apenas do ímpeto de propagar as nuances multidimensionadas e acordes vivenciados. Mostra a relevância de esmiuçar núcleos investigativos que despontarão em novas perspectivas analíticas e em ações de extensão.

Foram mais que conhecimentos adquiridos e a receptividade, dedicação e planejamento da docente merecem destaque para o êxito do processo que não se encerrou. A turma se mobilizou ativamente e está organizando, em conjunto com a docente, outro curso abordando uma temática

diferente, que envolverá as nuances da violência e dos direitos humanos, dessa vez, supervisionados pela docente, os organizadores atuarão como docentes.

Dada sua abrangência nos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação do gênero, a escola se empenha enquanto instituição de regulação e vigilância sobre os próprios corpos que ali transitam. Numa sociedade, a diversidade de valores e crenças é fato evidente, devendo ser fomentada e assumida enquanto vantagem pedagógica.

De alguma forma, a sexualidade e seus reflexos pedagógicos, abordados ou silenciados, atravessam o espaço escolar e penetram no imaginário social. A instituição educativa, não importa a esfera de atuação, enquanto instrumento de transmissão e manutenção da cultura — da qual a música, em seus variados estilos, se torna um elemento importante— encarrega-se muitas vezes de engendrar um padrão de ser humano, de sociedade e de cultura dominante nos quais os/as profissionais da Psicologia, Serviço Social e Pedagogia são contingenciados/as em seus *fazeressaberes* da vida prática.

Segundo Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. O ponto nodal da temática margeia a realização de um trabalho com trato cuidadoso e com capacitação para aprofundamentos sem repreensão, tal como foi possível elencarmos algumas dessas possibilidades realizadas no curso.

A temática da diversidade sexual e dos gêneros, por vezes, suscita mecanismos diferenciados de controle e de dissuasão que se complementam, instituindo ao indivíduo dispositivos de vigilância e regulações sociais. Os fatores ligados a esse processo de subjetivação não podem ser previamente fixados, nem mesmo são plenamente acessados quando se trata de explicar todas as decisões dos sujeitos *a priori*. Ousamos, timidamente, descortinar, ou apenas enunciar, uma trama curricular complexa, repleta de desafios e alternativas, porém com profusas possibilidades.

Freire (1996) nos fornece elementos para analisar os contextos das aulas analisadas, pois “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”. Desta forma, tornam-se indispensáveis atividades em que a proposta pedagógica visa fomentar a integração dos participantes considerando suas histórias de vida e a reflexão dos/das estudantes acerca de temas tão ambivalentes, de tal forma que um ideal equânime e harmonioso de sociedade se funda a um exercício contínuo de alteridade.

---

<sup>1</sup>Tessitura, de acordo com o dicionário Houaiss é a “disposição das notas para se acomodarem a uma determinada voz ou a um dado instrumento” ou “série das notas mais frequentes numa peça musical, constituindo a extensão média na qual ela está escrita”. Na busca por etimologia, o italiano guarda tessitura (século XIV) ‘organização de um discurso religioso’, (1640) ‘ação de fazer tapeçaria sobre uma tela ou o trabalho assim tecido’, (1737) ‘organização e composição de uma obra literária, textura’, (1879) e do latim o verbo. tessere, ‘tecer, fazer tecido; entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando’.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAVOUIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª Edição. Difusão Européia de Livros. 1970.

COELHO, G. C. **O papel pedagógico da Extensão Universitária**. Em extensão, v. 13, n2, 2014.

COLLING, Ana Maria e TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero. Dou-rados**: Ed. UFGD, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAGNON, John. Epílogo: Revisitando a conduta sexual (1998). **Uma interpretação do desejo: en-saios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual e homofobia: a escola tem tudo a ver com isso**. Campo Grande, MS: UFMS, p.111-142. 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Hori-zonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. **Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, Nº 16, jul/dez. 1990.

SILVA, Tomaz Tadeu da, **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.